

Entre Trotar e Caminhar: pensando na dualidade entre o corpo do cavalo e do paciente na clínica Equo-Aventuras na cidade de Niterói

Nathália Pinheiro¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre a relação entre animais humanos e não humanos a partir de trabalho de campo na clínica de Equoterapia na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. O termo “equoterapia” foi cunhado no Brasil pela ANDE- – Associação Nacional de Equoterapia (2020), como: “método terapêutico que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou com necessidades especiais”. Esta terapia, além da relação social e da interação homem/animal, tem o corpo dos seus praticantes como norteador para realização da mesma. Dialogando com Tim Ingold, pretendo discorrer sobre as reflexões de animais humanos e não humanos a partir da relação entre os pacientes e o cavalo no âmbito da Equo-Aventuras. De acordo com Ingold (2015), a noção de humanidade no Ocidente moderno implica uma diferença entre a humanidade enquanto espécie e a humanidade enquanto condição (esta última exclusiva da espécie humana), no tratamento da equoterapia, ao se atribuir uma certa subjetividade aos animais, os praticantes acabam encontrando uma forma de se recolocar como sujeitos na sociedade. Discutindo com a dualidade entre o corpo do paciente e o corpo do cavalo podemos pensar no conceito natureza/cultura não pelo viés dicotômico, mas sim como uma relação mútua entre os seres na clínica Equo-Aventuras, na qual o presente trabalho se propõe salientar.

Palavras-chave: animais humanos e não humanos; relação homem-animal; equoterapia.

Introdução

Sob perspectiva antropológica, o presente trabalho se propõe salientar sobre os animais humanos e não humanos no âmbito da clínica de Equoterapia – Equo-Aventuras na cidade de Niterói no estado do Rio de Janeiro e como podemos elucidar sobre o corpo do paciente e o corpo do cavalo. Tendo como cenário para tais reflexões a Hípica onde realizei as visitas de campo, como a comunicação e interação eram modeladas por um “conjunto” de ações corporais que articulam a modos de comunicação verbal e não verbal entre os pacientes, os cavalos, as fisioterapeutas, o auxiliar-guia e os familiares dos pacientes.

Ao procurar o significado do termo Zooterapia, encontramos diversas definições, todavia poderíamos definir como práticas terapêuticas visando relações entre animais humanos e animais não humanos (domesticados ou domésticos) tanto para fins medicinais, culturais e

¹ Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Antropologia (PPGA), Universidade Federal Fluminense (UFF), bolsista pela CAPES e integrante do núcleo de estudos CONATUS (Laboratório de Pesquisa sobre Corpos, Naturezas e Sentidos) nathalia.pinheiro724@gmail.com

sociais. O termo também pode ser compreendido como Terapia Assistida por Animais (TAA), na qual os animais são empregados como coadjuvantes nos tratamentos terapêuticos (COSTA NETO, 2011). Na Terapia Assistida por Animais o animal interage com o paciente com seu corpo (no sentido de contato e não pelo viés comestível), sendo um método educacional, terapêutico e social, no qual o afeto e a interação entre ambos são de suma importância para a realização da mesma. A Terapia Assistida por Animais foi introduzida no Brasil na década de 1950 pela psiquiatra Nise da Silveira, que ao perceber que seus pacientes com esquizofrenia apresentavam dificuldade em estabelecer contato, iniciou o tratamento dos pacientes na presença de animais como co-terapeutas (RODRIGUES et al., 2012).

A estrutura da Terapia Assistida por Animais tem a premissa de que as pessoas podem criar ligações próximas com os animais (Bachi *apud* Pavão, 2012). A Equoterapia é uma Terapia Assistida por Animais na qual o cavalo é o “Co-terapeuta”, usarei uma fala de uma das fisioterapeutas da clínica que realizo o trabalho de campo para exemplificar a sua importância: “sem o cavalo, não há terapia”. No que se refere em especial à Equoterapia, as primeiras organizações foram: *Riding for Disable Association R.D.A*, na Inglaterra e nos Estados Unidos “*North American Riding for the Handicapped Association*”, ambas no ano de 1969. No Brasil, a ANDE² – Associação Nacional de Equoterapia é uma instituição beneficente e filantrópica que foi fundada em 1989 por civis e militares, localizada na Granja do Torto em Brasília (PAVÃO, 2015). Se tratando de um tratamento caro de acordo com os padrões sociais econômicos do Brasil, muitas clínicas oferecem bolsa de desconto³, com um cunho filantrópico, essa premissa tem como embasamento na própria criação da Equoterapia, pela ANDE, para que a terapia não privilegiasse apenas as pessoas de classes sociais mais elevadas. Na Equo-Aventuras alguns pacientes tinham bolsas, descontos de acordo com a situação financeira de cada paciente.

Interação Entre Homens e Cavalos

Segundo Medeiros e Dias (2002), a utilização do cavalo para fins terapêutico foi datada pela primeira vez por Hipócrates (458-377 a.C.) em “ Das Dietas” no qual pontuou equitação como regenerador da saúde e de suma importância no tratamento da insônia. Em 124 a.C.

² Em 09/04/1997 o Conselho de Federal de Medicina, parecer nº06/97– reconheceu a equoterapia como um Método Terapêutico de Reabilitação Motora.

³ Na Equo-Aventuras até março de 2020 cada mensalidade custava R\$: 513, 00, uma sessão por semana de 30 minutos.

Asclepiades Bitínia também citou a equitação como prática terapêutica no tratamento de epilepsia e vários tipos de paralisia. Nos séculos seguintes não foram documentados o uso da equitação para fins terapêuticos até metade do século XVI.

Em 1569, na obra “*De Arte Gymnástica*”, Mercurialis discorre que a prática equestre não exercita apenas o corpo, mas também os sentidos. No livro “*De Medical Gymnástica*” de 1704, Fuller aponta os benefícios da equitação sobre a mente e o corpo, especialmente em pacientes hipocondríacos. O movimento tridimensional no dorso do cavalo foi elucidado pela primeira vez por Samuel Theodor Quelmaz. Em 1782, na sua obra “*Gymnástica Médica ou Cirúrgica*”, Joseph C. Tissot elucida os benefícios da equitação e também discorre que o cavalo possui vários tipos de andaduras, sendo o passo o mais eficaz para fins terapêuticos.

Goethe (1749-1832) suscitou o benefício na distensão da coluna vertebral, favorecida pelas oscilações as quais o cavaleiro é submetido, adaptando-se ao movimento do cavalo e pelo estímulo delicado e constante na corrente sanguínea (MEDEIROS; DIAS, 2002). Após a Primeira Guerra Mundial, o cavalo entrou definitivamente como um instrumento terapêutico, sendo utilizado com uma atividade de socialização para dinamizar com outros tratamentos os soldados que possuíam traumas, deficiência e descontrole emocional no pós-guerra.

No Brasil, a ANDE⁴ – Associação Nacional de Equoterapia é uma instituição beneficente e filantrópica que foi fundada em 1989, localizada na Granja do Torto em Brasília. A palavra EQUOTERAPIA foi elaborada pela ANDE-BRASIL para descrever todas as práticas em que o cavalo é utilizado com técnicas de equitação e atividades equestres visando a reabilitação e a educação dos seus respectivos praticantes. Essa nomenclatura foi criada com três propósitos: primeiramente adotando o radical EQUO que vem do latim “*EQUUS*”; segundo, homenagear o pai da medicina ocidental, Hipócrates de Loo que em sua obra “*Das Dietas*” salienta os benefícios e aconselhava o uso do cavalo no tratamento da insônia e apontava que atividades equestres ao ar livre faziam com que o cavaleiro melhorasse seu tônus. Por tais motivos, concebeu TERAPIA, que vem do grego “*therapeia*”, parte da medicina que aborda a aplicação do saber técnico-científico na área da reabilitação e reeducação. Por fim, esse termo marca “equoterapia” como referencial e norteadora das normas dessa prática aqui no Brasil.

A equoterapia tem como pressuposto contribuir na aquisição e no desenvolvimento das atividades psicomotoras, por meio do cavalo como instrumento terapêutico. Com isso solicita-se do cavaleiro as estratégias, desenvolvendo e /ou potencializando as habilidades motoras e

⁴ Em 09/04/1997 o Conselho de Medicina, parecer nº06/97, reconheceu a equoterapia como um Método Terapêutico de Reabilitação Motora.

inúmeras atividades conceituais (MEDEIROS; DIAS, 2002). Sendo uma terapia interdisciplinar, na qual a interação com o cavalo é o pilar central do tratamento e dialogando com as dimensões psicológica, física, emocional e principalmente social dos seus praticantes, logo, uma terapia que atua dialogando com outros tratamentos:

A equoterapia deve ser desenvolvida como tratamento de suporte, não substituindo o convencional, sendo elegível somente uma vez por semana, a não ser em casos específicos de saturação aos tratamentos realizados, observando-se de acordo com a necessidade, qual o número de sessões a serem indicadas. (MEDEIROS; DIAS, 2002, p.41).

A equoterapia é composta por uma equipe técnica multiprofissional e interdisciplinar como: fisioterapeuta, instrutor de equitação, auxiliar guia e veterinário, podendo contar com profissionais de outras áreas também, como psicólogo ou fonoaudiólogo, por exemplo, dependendo da clínica. O instrutor de equitação é responsável pela escolha e treinamento do animal, o auxiliar guia em conduzir o animal e controlar a andadura ritmada, o auxiliar lateral (fisioterapeuta) encarregado pelo apoio físico, pelas atividades propostas e observando a postura do praticante e, por fim, o veterinário responsável pela saúde e manutenção do bem-estar do cavalo.

Os materiais pedagógicos auxiliam no processo de aprendizagem, norteados as atividades de acordo com as necessidades e dificuldades de cada indivíduo no andamento terapêutico. Entre eles podemos destacar: cones, bolas (de diferentes texturas e pesos), argolas (de vários tamanhos), jogo de quebra-cabeça, entre outros brinquedos e brincadeiras que auxiliam no processo de aprendizagem.

Na avaliação é de suma importância uma análise geral do paciente para que se possa delinear os objetivos de tratamento e as condutas específicas adequadas para cada patologia. Ao analisar, deve se levar em conta a idade, diagnóstico fisioterápico, a história de vida (como foi a infância, a gestação, a relação dos familiares com a patologia), as relações sociais em que os mesmos são inseridos. Por fim, analisar a capacidade de autonomia do paciente, tanto pelo viés físico, como pelo emocional.

Segundo a ANDE (2020), os indivíduos que praticam a equoterapia, são chamados de praticantes, com um cunho de serem pessoas ativas no tratamento, se contrapondo a pacientes (uma dimensão passiva, que recebem mais cuidado). Todavia, na Equo-Aventuras, como me contou Alana, todos são chamados de pacientes, pois segundo a mesma o termo remete à ideia de que elas têm uma autoridade médica, de comando, escolhas de tratamento e de atividades lúdicas, e mencionou que em outras clínicas podem ser chamados de clientes, sendo que este

termo para ela não condiz com a terapia, pois clientes teriam um caráter de escolha no e de que fazer na terapia. Mantereí a categoria nativa de paciente. Pontuando como cada sessão tem caráter personalizado e individual, o paciente é sempre chamado pelo nome ou apelido. O termo paciente é mais utilizado nos bastidores e o nome em seguida.

A Construção do Corpo e a Noção de Sujeito

Em uma sessão na qual eu estava participando das brincadeiras com o Gustavo, escuto de fundo a sua mãe dizendo “ filho joga a bola forte, você precisa se exercitar”, eu gostava muito de brincar com ele, sempre jogava muito bem as bolas para mim e muitas vezes até ganhava de tão alto que jogava. Quando acabou a sessão, fui me despedir dele e de sua mãe, e ela me explicou a preocupação que tinha com o corpo dele e com a flacidez. Segundo a senhora Camila, era muito importante fazer muito exercício, pois pessoas com síndrome de Down tinham uma tendência maior a flacidez, e por isso as brincadeiras dele eram sempre jogar bola com perguntas e outras para a memória. Existia um rodizio de brincadeiras, mas sempre o ouvia pedindo para que fosse com bola e vôlei era a sua brincadeira preferida.

A partir dessa observação podemos pensar no conceito de corpo, a construção do corpo não como um objeto, mas como um corpo construído a partir das vivências, das histórias de vida, dos afetos, dos encontros, dos olhares, dos sentimentos e das particularidades individuais. Marcel Mauss (2003) postula que a maneira como movimentamos nossos corpos e suas práticas se diferenciam entre as sociedades “ as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”. Sendo assim, podemos entender a preocupação da senhora Camila para que seu filho, uma criança de 9 anos, tivesse sempre se exercitando, pois o seu corpo não poderia ser “flácido” e sim um corpo ativo como de qualquer outra criança de nove anos.

O corpo precisa estar inserido em algum espaço, precisa ser visto e entendido. Muitas vezes eu podia ver isso nas minhas observações, a busca sempre para manter o “corpo em movimento”. As mães principalmente gritavam, pedindo para que os seus filhos fizessem os movimentos que as fisioterapeutas pediam, de alguma força o corpo seria sentido percebido como o grande responsável pelas interações, como aponta Pierre Bourdieu (2001):

O que está inscrito no mundo é um corpo para que se possa existir um mundo, incluído no mundo, mas segundo um modo de inclusão irredutível à simples inclusão material e espacial. A *illusio* constitui essa maneira de *estar no mundo*, de estar ocupado pelo

mundo fazendo com que o agente possa ser afetado por uma coisa bem distante, ou até ausente, embora participando do jogo no qual ele está empenhado. O corpo está ligado a um lugar por uma relação direta, de um contato que não é senão uma maneira entre outras de entrar em relação com o mundo[...] A *illusio* constitui o campo como espaço de jogo e faz com que os pensamentos e as ações possam ser afetados e modificados a despeito de qualquer contato físico ou na falta de qualquer *interação* simbólica, em particular na e pela relação de compreensão (BOURDIEU, 2001, p.165).

Desta forma podemos entender o corpo como o lugar de expressar emoções, afetos, desejos e de estar no mundo. No tratamento da equoterapia, as fisioterapeutas sempre entendiam os pacientes pela maneira como o corpo se movimentava ao longo das sessões, corrigindo se fizessem algum movimento errado e com nas brincadeiras interagir com eles.

Como corrobora Diniz (2007), a concepção de deficiência como uma variação do normal dos animais humanos foi uma construção discursiva do século XVIII, sendo o deficiente um corpo fora da norma da sociedade ocidental. O corpo com deficiência se delinea quando comparado com a representação de que seria um corpo sem deficiência, essa dicotomia classifica os corpos perante a sociedade:

Ao contrário do que se imagina, não há como descrever um corpo com deficiência como anormal. A anormalidade é um julgamento estético e, portanto, um valor moral sobre os estilos de vida. Há quem considere que um corpo cego é algo trágico, mas há também quem considere que essa é uma entre várias possibilidades para a existência humana (DINIZ, 2007, p. 14).

Ao colocar a ideia de deficiente para “esses corpos”, não como anormal, mas sim como outras formas de “viver” em sociedade e isso não exclui a necessidade de recursos médicos ou de reabilitação. Indivíduos com e sem deficiência buscam cuidados médicos em vários momentos de sua vida, alguns mais outros menos. Apontar os deficientes exclusivamente como pessoas que precisam de cuidados médicos seria uma falácia, pois como salienta Diniz (2007): “deficiência é um conceito complexo que reconhece o corpo com lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa deficiente” (DEBORA DINIZ, 2007, p.9).

Segundo Schneider (1999), a procura do belo inibe os deficientes. A imagem corporal do desviante afeta a relação com o outro e com o próprio corpo considerando as exigências sociais de se encaixar dentro de padrões em alguns casos inalcançáveis:

O desvio é criado pela sociedade; isto é, tal pessoa é desviante porque o rótulo do desvio foi a ela sobreposto com êxito. O desvio não é uma característica que seja encontrada no indivíduo, mas um veredicto enunciado acerca desse indivíduo por um grupo social (SCHNEIDER, 1999, p.60).

Sendo assim, a pessoa considerada desviante tem que se adequar à norma para ser “visto” como um indivíduo perante a sociedade, pois ser desviante não é um atributo substantivo de um sujeito, mas resultado do modo como os outros o classificam e, a partir disso, o rotulam. Em uma conversa com a mãe do Gustavo, ela pontuava a importância do seu filho agir como uma criança “normal” e sempre tendo os seus dias preenchidos, tendo apenas um dia da semana de descanso, como foi a sua fala para tal preocupação “ele não pode ser gatinho de armazém que todo mundo acha bonitinho, ele tem que ser independente”. Ela sempre pontuava que ele tinha que se esforçar mais, ser mais forte e o mais sociável possível. Seu desejo de independência para o filho foi expresso da seguinte forma em uma conversa: “mais tarde ele tem que se virar sozinho e não ser peso para sua irmã”.

Essa era uma grande preocupação que todos os familiares dos pacientes compartilhavam e que não se referia apenas à melhora do corpo, mas ao lugar de sujeito na sociedade. A mãe de Gustavo, por exemplo, queria que ele se visse como pessoa independente. Durante as nossas conversas, Camila sempre colocava o filho como uma pessoa capaz de ter uma vida independente, que ele ao se tornar um adulto, seria um indivíduo sem ter a dependência de sua irmã. Em uma entrevista, a Camila pontua a importância do seu filho se ver como um sujeito social: “sim, ele pode ser um homem e ter sua própria vida, por isso eu estou aqui para que ele tenha condições de fazer isso quando for preciso”. Marcel Mauss (2003), discorre sobre as noções de pessoa e do eu, sendo a noção de pessoa uma categoria construída histórica e socialmente ao longo dos séculos:

De um simples mascarada à máscara; de um personagem a uma pessoa, de um nome, a um indivíduo; deste a um ser com valor metafísico e moral; de uma consciência moral a um ser sagrado; deste a uma forma fundamental do pensamento e da ação; foi assim que o percurso se realizou (MAUSS, 2003, p.397).

Segundo Mauss (2003), o cristianismo retomou o conceito de pessoa moral e a converteu em entidade metafísica: “consciente, independente, autônomo, livre, responsável” (MARCEL MAUSS, 2003, p.390-391). Desta forma, podemos entender a categoria pessoa como algo individual, racional e consciente de si psicologicamente. Assim, a definição da categoria do eu implica no homem ter consciência de si mesmo e ser capaz de se transformar.

Para Foucault (2004) o sujeito não é universal, mas se constrói sempre em relação aos *jogos de verdade* presentes na cultura da sociedade na qual está inserido. Sendo assim as normas, disciplinas e práticas de sujeição se aplicam sobre o indivíduo com o anseio de dizer verdades, normalizar atos, costumes, comportamentos e desejos:

É a experiência, que é a racionalização de um processo ele mesmo provisório, que redundaria em um sujeito, ou melhor, em sujeitos. Eu chamaria de subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que não é evidentemente mais que uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si (FOUCAULT, 2004, p.262).

Como corrobora Lévi-Strauss (2009) no artigo natureza e cultura “ o homem é um ser biológico ao mesmo tempo que um indivíduo social”. Com essa afirmação podemos postular que, mesmo respondendo às necessidades biológicas, não somos completos, pois como humanos temos que ser sociais e atores das nossas respectivas sociedades, individuais dentro do coletivo.

Movimento tridimensional

Os cavalos têm três diferentes andaduras: passo, trote e o galope, sendo essas duas últimas andaduras saltadas, ou seja, entre um lance e outro o cavalo não toca com seus membros no solo, no trote (um tempo de suspensão) e no galope (dois tempos de suspensão). Estas duas andaduras requerem mais força e esforço, por serem movimentos mais rápidos e brutos o cavaleiro tem que ter mais força para acompanhar os movimentos do animal. Com isso, essas andaduras só devem ser utilizadas com praticantes na fase pré-esportiva e que exibem boas condições físicas. O passo é diferenciado por ser uma andadura ritmada, cadenciada e em quatro tempos, isto é, ouvem-se quatro batidas distintas, nítidas e compassadas que simetizam o pousar dos membros do animal. Na equoterapia o passo é a andadura mais utilizada, pois remetem no seu praticante o movimento tridimensional, como corrobora o trecho a seguir:

O passo é a andadura em que o cavalo produz e transmite ao cavaleiro uma série de movimentos sequenciados e simultâneos, que tem como resultante um movimento tridimensional, o qual se traduz, no eixo vertical, em movimento para cima e para baixo; no plano frontal, em movimento para a direita e para a esquerda; e segundo o plano sagital do cavalo, em movimento para a frente e para trás. Este movimento é completado com pequena torção da bacia do cavaleiro, que é provocada pelas inflexões laterais do dorso do animal (Medeiros; Dias, 2008, p.12).

De certa forma, podemos pontuar uma simetria entre o passo do cavalo e o do homem. Na marcha, o indivíduo utiliza o mesmo movimento alternando as pernas, assim como o cavalo, desta forma, o paralelismo entre o andar humano e do cavalo se enfatiza pelo movimento

tridimensional encontrados em ambos. Essa equivalência oferece ao praticante uma dimensão desse movimento que, em muitos casos, nunca foi possível vivenciar.

A Relação entre Animais Humanos e Animais Não Humanos

Na primeira entrevista que eu realizei com a fisioterapeuta Paula, ela me explicou como funcionava cada sessão e como cada detalhe era importante, primeiramente me explicou que na Equo-Aventuras todos os quatro cavalos eram machos castrados, que segundo a mesma eram mais calmos e dóceis do que as fêmeas e que a raça não importava para realização da equoterapia, mas sim se o cavalo era calmo e dócil. Por isso, sempre que um novo cavalo chegava para a equoterapia, ele passava por um período de adaptação⁵ na clínica, mantive a categoria nativa para manter a fala real da fisioterapeuta Paula. Em algumas conversas, este termo “adaptação” era usado para expressar o início de interação do cavalo ou paciente na clínica. Em cada troca de cavalo, a preparação de um cavalo e outro, as fisioterapeutas tratavam o cavalo como o pilar mais importante, sempre com as brincadeiras, falando para os praticantes fazerem carinho no cavalo, dar alimento ao final de cada sessão e, algumas vezes, dar banho nos cavalos. Paula pontuou que isso era muito importante na construção da relação com o cavalo, para que a confiança e o afeto entre ambos sempre fossem mantidos e nutridos ao longo do tratamento. Podemos entender esse processo descrito de afetividade como uma contínua domesticação:

Como antropólogo, entendo a domesticação – isto é, a ação que o homem exerce sobre os animais que ele detém – como criação, pois a ação domesticadora não se limita às “primeiras domesticações”, caras aos arqueólogos. Ao contrário, a domesticação supõe necessariamente uma ação contínua, entretida dia após dia. Tanto que os animais podem se desdomesticar, se asselvajar, e até retornarem à vida selvagem – o que se convencionou chamar de “marronagem” ou “feralização” (DIGARD, 2012, p. 208).

Cada abordagem era individual e pensada a partir do tratamento de cada paciente. O caso do adolescente Diego era mais direcionado para o diálogo e, como me contou a fisioterapeuta Vanessa, “que no balanço do cavalo era o melhor lugar para ter uma conversa pessoal, pois o movimento tridimensional ativava uma parte do cérebro e o diálogo era mais para o lúdico⁶”. A interação com o cavalo era algo construído ao longo de cada sessão, como

⁵ Entre o período que eu estive em campo dois cavalos foram embora da Equo-Aventuras, e chegou o Trovão que ainda estava passando por esse período de “adaptação” e aos poucos era utilizado nas sessões e por isso eu só acompanhei caminhando ao lado nas sessões com o Palhacito e Valente.

⁶ A fisioterapeuta Vanessa me explicou que por isso sempre conversavam muito com ele, pois assim o Diego poderia pensar mais sobre as questões que pairavam seus pensamentos.

no caso da Isabella que chorava muito ao ficar longe da mãe. Primeiramente a mãe a levava para passear e conhecer os cavalos e, somente “depois de criar um afeto”, ela começou a fazer a equoterapia. A mãe me explicou que, como era algo novo para menina, antes de começar o tratamento “queria que a filha tivesse uma ligação com os cavalos”. Esta frase a mãe disse para explicar as visitas ao longo da semana, antes de começar o tratamento. Vale ressaltar que, tanto os familiares, pacientes e os profissionais que trabalhavam os cavalos, tinham um contato com o cavalo, como afirmou Paula. A diferença entre a equoterapia e as outras terapias de reabilitação era interação do cavalo com o paciente, pois essa interação norteava todo o tratamento.

Como postula Tim Ingold (2007), todas as sociedades humanas, do passado e do presente convivem com animais de uma ou várias espécies, sempre coexistindo e interagindo, seja como alimento, meio de transporte ou incorporando os animais em seus grupos sociais como cativos ou de estimação:

As ideias que as pessoas têm sobre os animais e suas atitudes em relação a eles são correspondentemente tão variáveis, em todo o detalhe, com as suas formas de se relacionarem uns com os outros, em ambos os casos (homem/homem, homem/animal), refletindo a surpreendente diversidade de tradições culturais que é amplamente vista como a marca oficial da humanidade (INGOLD, 2007, p.129-130).

Em algumas sessões até os cavalos eram alvo das brincadeiras, tinham apelidos, usavam alguma fantasia temática, o humor também era apontado durante a sessão e seu comportamento era sempre salientado. Ainda na minha primeira entrevista com a fisioterapeuta Paula, ela salientou sobre os cavalos usando características ditas “humanas”: “Palhacito é o xodó, o mais fofo, Toy (era o mascote, pois era o cavalo mais velho na Equo-Aventuras), o Valente o mais tímido e o Trovão ainda está se acostumando, ainda é assustado”.

Nesta passagem de Dominique Lestel (2002) podemos notar algo semelhante ao que observei em campo:

O ser humano compara cada *acto* de um animal com um comportamento porque reconhece a situação na qual o animal evolui e considera que este estabelece com ela uma relação significativa pelo seu peso e pelo movimento das suas extremidades. O comportamento caracteriza-se pela unidade de uma sucessão temporal de movimentos; é uma “melodia do movimento” que a situação e o sujeito cantam “a duas vozes” (LESTEL, 2002, p. 207).

Em muitos casos em que eu pude acompanhar, meus interlocutores não conseguiam ou ainda não falavam devido à idade ou à sua patologia e, por isso, o comportamento do corpo, a maneira de andar e mexer, o olhar e a maneira como o indivíduo se sentava no cavalo era,

entendidas pelas fisioterapeutas. Os signos eram entendidos e compreendidos por todos ali. Aos pouco eu comecei a entender também e, mesmo com algumas falas repetidas, pela entonação e pela maneira como o corpo se colocava, eu entendia e conseguia me comunicar, assim como os cavalos também iam aos poucos se acostumando e se comunicando com seus cavaleiros.

Todos nós sabemos que a linguagem pode exigir o uso das mãos e do corpo, como meios de transmitir o que a sentença verbal não diz. Os gestos, numa palavra, podem tornar-se um auxiliar da linguagem e um fator vital em várias espécies de comunicação social (HOEBEL, E. ADAMSON; FROST, EVERETT. L, 2006, p 384).

A praticante Fernanda, muitas vezes, ao longo de cada sessão repetia inúmeras vezes a palavra “mãe” com várias entonações diferentes, para chamar atenção ou até mesmo para dizer se estava feliz, e as fisioterapeutas sempre a respondiam. Nesse caso podemos compreender e nos comunicar quando conhecemos os códigos e signos naquele respectivo espaço, como nessa passagem do texto:

Existem muitos meios de comunicação que não se utiliza da linguagem. Gritos de admoestação e agressão, sons indistintos de alegria e afeição são formas de comunicação não limitadas a pessoas humanas. Alcançou-se muito progresso desde o começo da década de 1960 graças aos *etologistas*, estudiosos do comportamento comparado de todos os seres vivos em função da compreensão das circunstâncias sobre as quais as várias espécies vivas efetuam comunicação entre si (HOEBEL, E. ADAMSON; FROST, EVERETT. L, 2006, p 384).

Em uma sessão a Aline me explicou que os cavalos conseguiam “sentir” o estado emocional dos praticantes e que, por isso, a ligação entre eles tinha que ser sempre honesta e afetuosa. Observei que a cumplicidade mantida entre o cavalo e seu respectivo cavaleiro era conquistada e mantida a cada encontro. No início, como no caso da Isabella, que tinha um pouco de receio em dar comida para o Palhacito e na sua última sessão esse medo não existia mais, a confiança em segurar a cenoura para o Palhacito pegar mostrava a “cumplicidade” que ambos compartilhavam.

Como salienta Hoebel e Frost (2006), para se compreender o comportamento social tem que primeiramente se entender os signos, pois o indivíduo tem que ler o signo para agir de acordo com a situação na qual está inserido para, a partir disso, interagir. Assim, “ a compreensão dos signos é absolutamente essencial para a participação efetiva no ambiente social, seja animal ou humano”.

Nesta perspectiva podemos enfatizar a importância da interação entre os atores em questão, pois somente com a compreensão dos signos e os códigos sociais entre ambos a relação é mantida. Assim como conversei com os familiares, por ser uma pessoa estranha ali na Equo-

Aventuras, e somente depois que eles me já conheciam e a minha presença já não era mais estranha, eu pude acompanhar as sessões e participar das brincadeiras. Tanto entre os praticantes como com os cavalos, com o Blake eu não tinha essa “interação” e, por tal motivo, a Alana me autorizou que eu acompanhasse apenas o Palhacito e o Valente.

Nas festas e nas datas comemorativas, os cavalos tinham sempre algum adereço comemorativo. Na foto abaixo o Palhacito (que era o cavalo mais querido da Equo-Aventuras) este com as “orelhas de coelhos” na semana da páscoa, como uma maneira de “humanizar”. Assim, a relação homem-animal não era vista pela dicotomia, mas como uma relação social entre ambos. Por mais que o cavalo pudesse não compreender o significado de tais adereços, para as crianças, essa era uma forma de aumentar os laços e de ter mais brincadeiras.

A Equo- Aventuras para alguns pacientes não era o lugar apenas de terapia, mas sim de socialização, segundo pontuou alguns interlocutores (pacientes e seus respectivos familiares). Por isso as fisioterapeutas sempre eram gentis e educadas, o cenário era muito acolhedor e sempre os cavalos eram “a ligação que permitia uma aproximação social entre as fisioterapeutas e os praticantes no estágio inicial de tratamento. Como uma fisioterapeuta me contou: “ a diferença da equoterapia para qualquer outra terapia era a relação com o cavalo, que ali para o paciente era uma brincadeira com o seu amigo cavalo”, e eu pude ver isso em vários casos que eu acompanhei.

No texto *Humanidade e Animalidade* Ingold (1995) aponta para um certo paradoxo que envolve a noção de humanidade no pensamento ocidental: é possível afirmar que todos os humanos são mais uma dentre as espécies animais (neste sentido, humanos são animais) e, ao mesmo tempo, afirmar que a humanidade se define como sendo aquilo que a animalidade não é, ou seja, os humanos têm cultura, linguagem, consciência e, neste sentido, se definem como humanos a partir da diferenciação com o animal:

Como condição oposta à da humanidade, a animalidade transmite uma noção da qualidade de vida no estado da natureza, onde se encontram seres “ em estado cru”, cuja conduta é impelida pela paixão bruta em vez da deliberação racional e que são totalmente livres dos constrangimentos da moral ou da regulação dos costumes (INGOLD, 1995, p.6).

Para explicar esse paradoxo, ele mostra que a noção de humanidade pode ser definida de duas formas: humanidade enquanto espécie e humanidade enquanto condição. Sendo essa última restrita aos seres humanos. Embora a gente possa atribuir algum grau de consciência aos animais, eles jamais poderão ser considerados humanos no sentido de compartilhar a condição humana. Durante o tempo que eu estive em campo surgiram algumas indagações sobre qual era

o “ papel” do cavalo no tratamento dos pacientes da equoterapia a partir da perspectiva dos familiares e dos pacientes⁷. Para corroborar na relação homem-animal, Beatriz ⁸, mãe de um dos pacientes na Equo-Aventuras me respondeu: “pra mim esse diálogo que meu filho encontra aqui com o cavalo é uma maneira dele voltar a ter a vida de antes e vejo o cavalo como um amigo nessa cavalgada da vida”, esta frase enfatiza de modo geral o papel do cavalo na relação com o indivíduo, que o lado lúdico e subjetivo do galopar poderia ser uma entrada ou encontro de um lugar de sujeito na sociedade para aqueles que, por possuírem alguma deficiência, acabam sendo excluídos.

Nesse sentido, se, de acordo com Ingold (1995), a noção de humanidade no Ocidente moderno implica uma diferença entre a humanidade enquanto espécie e a humanidade enquanto condição (esta exclusiva da espécie humana), no tratamento da equoterapia, ao se atribuir uma certa subjetividade aos animais, os praticantes acabam encontrando uma forma de se recolocar como sujeitos na sociedade. Por esse motivo, os familiares enfatizavam sempre o aspecto socializador da equoterapia, que os permitia, através da relação com o animal, encontrar uma forma de incluir socialmente as pessoas portadoras de deficiência.

Considerações Finais

Ao longo do meu campo, focalizei na relação do cavalo e seu cavaleiro no cenário da Equo-Aventuras e as nuances sociais que são formadas dentro deste espaço social. Percebi, assim, que, ao estender, de certo modo, a condição humana aos animais, tratando-os por nomes próprios, como sujeitos com comportamentos específicos e com os quais se estabelecia uma relação que era a base do tratamento da equoterapia, criava-se a possibilidade de incluir socialmente pessoas com deficiência que eram excluídas do convívio social. Através da terapia que tinha como base a relação do praticante com o animal, pensada como uma relação intersubjetiva, a condição humana da pessoa com deficiência poderia tomar novas feições e ela poderia ser incluída no meio social como um sujeito, com suas particularidades e especificidades.

⁷ Nem todos eu pude ter uma resposta “ direta” para as minhas indagações, pois alguns ainda não falavam ou não conseguiram falar, e por isso tive uma “resposta indireta” a partir dos familiares e da linguagem corporal e emocional dos meus nativos.

⁸ Em quase toda conversa ela pontuava que o filho não tinha nenhuma patologia antes de ter sido atropelado aos 12 anos ao sair da escola voltando para casa, e devido a esse acidente, agora ele tinha que reaprender a ter uma “vida normal”, palavras da mãe.

Tim Ingold (1995) elucida que muitos sociobiólogos tiram conclusões sobre a condição humana tendo como pilar os estudos de insetos sociais, tais como abelhas e as formigas: “a psicologia do orangotango já foi completamente descrita pelos cientistas, a partir de suas observações do ouriço-do-mar” (CUPPY, 1931 *apud* INGOLD 1995, p.8). Nesse caso, a noção de humanidade se define por oposição à condição de animalidade. No meu trabalho, a partir do estudo da equoterapia, procurei pensar a relação entre as noções de humanidade e animalidade não pela dualidade humano-animal e nem tendo como uma única via os estudos do contato humano com outros animais, mas sim a partir da interação do homem com o animal em questão, neste caso o cavalo. Procurei mostrar como essa interação é um pilar do tratamento da equoterapia e como ela é compreendida por aqueles que a praticam, seja na condição de pacientes, familiares ou terapeutas.

Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA (ANDE). Disponível em: <http://equoterapia.org.br/articles/index/article_detail/141/2023> Acesso em: 15 out. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COSTA NETO, Eraldo Medeiros & ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega. **Zooterapia**. Os Animais na Medicina Popular Brasileira. Recife: NUPPEA, 2010.

DIGARD, Jean Pierre. “A biodiversidade doméstica, uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal”. In: **Anuário antropológico**. Departamento de Antropologia (DAN), UnB, 2012.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FOUCAULT, Michel. “A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade”. In: **Ética, Sexualidade, Política – Ditos e Escritos**, V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 264-287.

HOEBEL, E. Adamson; FROST, Everett L. **Antropologia cultural e social**. São Paulo: Cultrix, 2006.

INGOLD, Tim. Humanidade e Animalidade. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, 1995.

_____. In: O que é um Animal? **Antropolítica**, Niterói, n°22, 2007, p. 129-150.

LESTEL, Dominique. **As Origens Animais da Cultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

LÉVI-STRAUSS. Claude. Natureza e Cultura. **Revista Antropos** – v. 3, ano 2, Brasília, 2009.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDEIROS, Mylena; DIAS, Emília. **Equoterapia: Bases & Fundamentos**. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

MEDEIROS, Mylena; DIAS, Emília. **Equoterapia: Noções Elementares e Aspectos Neurocientíficos** Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

PAVÃO, Luna Castro. O que é que cavalo sabe: um estudo antropológico sobre o vínculo animal-humano na equoterapia. **Dissertação**. São Carlos: UFSCar, 2015.

ROJO, Luiz Fernando. O campo no mar: fazendo observação participante na vela. Trabalho apresentado na **27ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA)**. Belém, 2010

SCHNEIDER, Dorith. “Alunos Excepcionais”: um estudo de caso de desvio. In: VELHO, Gilberto (Org.). **Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

SEVERO, José Torquato (Org.). **Equoterapia: equitação, saúde e educação**. São Paulo: Senac, 2010.